

SÁBADO, 22 DE ABRIL DE 2000

GERAL

O ESTADO DE S. PAULO - A11

500 ANOS

FHC pode visitar Praia de Coroa Vermelha

L.C. Leite/AE

A cancelada visita à principal obra social dos 500 anos voltou a ser cogitada pelo Itamaraty

ISABEL BRAGA

Enviada especial

PORTO SEGURO - A menos de 24 horas das comemorações dos 500 anos do Brasil, a agenda do presidente Fernando Henrique Cardoso continua indefinida. Ontem, a já cancelada visita à Praia de Coroa Vermelha (em Santa Cruz Cabrália) para visitar a principal obra social dos 500 anos, voltou a ser incluída pelo Itamaraty "como uma possibilidade" na agenda presidencial. A inauguração do Centro de Convenções da cidade continua fora da programação para permitir que o presidente deixe Porto Seguro ainda com a luz do dia.

Fernando Henrique, acompanhado do presidente de Portugal, Jorge Sampaio, deverá chegar ao aeroporto de Porto Seguro no fim da manhã. Se a segurança

presidencial entender que não há riscos, Fernando Henrique seguirá de helicóptero para a Praia de Coroa Vermelha. Lá, além de encontro com líderes indígenas, o presidente deve inaugurar uma cruz de 13 metros, erguida no local onde foi rezada a primeira missa, em 1500.

O Ministério de Esporte e Turismo liberou R\$ 12,5 milhões para as obras de recuperação da Praia de Coroa Vermelha. Fernando Henrique assinou decreto considerando as terras de Coroa Vermelha como indígenas e, no início do ano passado, as favelas do local foram removidas. As 100 casas de posseiros foram réci-ladas e 46 novas casas construídas e cedidas aos índios. Ou-

tras 104 estão em fase de construção. Os índios ganharam ainda um centro comercial para venda de seu artesanato, além de um museu aberto.

Almoço - Fernando Henrique oferecerá um almoço ao presidente português e, logo depois, os dois percorrerão as ruelas da antiga Vila de Nossa Senhora da Penha (uma fortaleza portuguesa fundada em 1535) e serão saudados por danças e músicas. Com o argumento de que as ruas são estreitas, a segurança vetou a presença do povo. Apenas 500 crianças, vestidas com camisas amarelas dos 500 anos, estarão no local.

Os presidentes assistirão à regata naval, que não será mais liderada pela nau capitânia (uma réplica da nau utilizada por Pedro Álvares Cabral quando chegou ao Brasil em 1500). Problemas técnicos impossibilitaram a chegada da nau - que custou quase R\$ 4 milhões - em Porto Seguro a tempo para as festividades.

Fernando Henrique e Jorge Sampaio também plantarão mudas de pau-brasil, visitarão prédios históricos e assistirão a execução do *Te Deum* e da *Laudanha* na Igreja de Nossa Senhora da Penha.

Imprensa - As comemorações dos 500 anos do Brasil atraíram centenas de jornalistas brasileiros e estrangeiros. O Itamaraty credenciou 730 jornalistas de 181 diferentes meios de comunicação. A maior parte dos correspondentes estrangeiros pertence à mídia portuguesa, mas o evento atraiu também profissionais do principal jornal do Japão: o *Asahi Shimbun*. Há correspondentes também da Espanha, França e Estados Unidos, entre outros países.



Karai Mirin: "Ninguém quer que resgatem nossa dignidade e nos tornemos independentes"

Para guarani, não há o que festejar hoje

Morador da zona sul de São Paulo, ele avalia que o dia só é útil para que o índio seja ouvido

O índio guarani Antônio Carlos Karai Mirin de Lima vai assistir de longe às comemorações marcadas para hoje. Morador de uma comunidade na zona sul de São Paulo, professor de história há 14 anos, Karai, assim como uma série de líderes indígenas, considera que não há nada o que se festejar. "Foram 500 anos de violência, de desrespeito à nossa cultura e ao nosso povo", diz. Apesar da indignação, Karai avalia que o

dia será útil pelo menos para uma coisa: "Nada vai nos devolver a dignidade roubada, mas, pelo menos hoje, haverá um certo espaço para que o índio possa falar e ser ouvido", afirma. "Temos muito o que reivindicar e lembrar: a começar pelo massacre de pelo menos 720 povos indígenas."

Descendente de pajés, Karai desenvolveu entre julho de 1993 e setembro de 1996 um trabalho para educação de crianças indígenas, na região próxima do Morro da Saudade, em Parelheiros. "No período, sofremos uma pressão insuportável", afirma. A resistência, conta, foi feita tanto por integrantes do governo quanto

por líderes religiosos da região. Ele tem uma explicação para as dificuldades impostas: "Ninguém quer que nós resgatem nossa dignidade e nos tornemos independentes", afirma. "Quanto mais miseráveis, mais desunidos estivermos, mais fácil será nos controlar", garante.

A desunião entre os povos indígenas também é um problema sério a ser enfrentado. "Os últimos 50 anos não foram diferentes", diz. "Assim como ocorreu na época dos jesuítas, ainda há alguns índios que estão mais preocupados em lutar pelos próprios interesses do que por todo o nosso povo." (Ligia Formenti)

Encontro com presidente divide índios em conferência na Bahia

Representantes do Amazonas romperam com os outros participantes

ROLDÃO ARRUDA

Enviado especial

PORTO SEGURO - A Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, iniciada dia 18 com a festiva dança do toré, terminou ontem em clima de tensão. Os representantes indígenas do Estado do Amazonas romperam com os demais participantes do encontro, após serem derrotados na votação sobre participar ou não de um encontro com Fernando Henrique Cardoso durante as celebrações oficiais de hoje. A maioria das delegações votou contra. Diante disso, a delegação amazonense retirou-se do encontro, acompanhada por parte dos pataxós que vivem na região histórica de Porto Seguro e por alguns representantes de Rondônia.

Apesar das divergências, até ontem à noite os índios do Amazonas não haviam confirmado oficialmente se iriam mesmo se encontrar hoje com o presidente. Ontem à tarde, numa reunião paralela à conferência, eles redigiram um documento para entregar a Fernando Henrique, mas não se sabe quando ou em que local.

Entre os organizadores dos festejos oficiais, o clima era de expectativa. Nos últimos dias, emissários do governo mantiveram encontros com líderes pataxós, tentando convencê-los a participar da festa. Uma das principais preocupações do governo é a possibilidade de não aparecer nenhum representante indígena para as celebrações. O articulador desses encontros foi Ivo Lima, representante do ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca.

Os índios que deixaram a conferência se sentiram desrespeitados durante os debates e com os resultados da votação. Acharam

que deveriam ser ouvidos com mais atenção pelo fato de representarem quase todos os índios da região amazônica, onde estão concentradas 90% das terras demarcadas do País e 60% da população indígena. Na opinião do índio macuxi José Adalberto Silva, um dos que romperam, os índios precisam dialogar com o presidente.

Convite - Para a maioria das representações da conferência, porém, encontrar-se hoje com Fernando Henrique seria interpretado e explorado como a aprovação aos festejos oficiais, que os índios condenam. "Não viemos aqui pleitear convite para festa do governo, mas para denunciar ao mundo nossos problemas", disse o vice-cacique Nailton, um dos pataxós que permaneceram com a maioria. O racha criou um clima de tensão no encontro. Por volta das 16 horas, o cacique anfitrião, Carajá, de Coroa Vermelha, começou a impedir a entrada de jornalistas e de pessoas de outros movimentos na conferência. Agentes indígenas de segurança que ele enviou para o local começaram a espalhar a notícia de que os assessores do Conselho

**RACHA
CRIOU CLIMA
DE
TENSÃO**

Indigenista Missionário (Cimi), vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), seriam expulsos do encontro. "O grande problema deste encontro é o Cimi, que divide os índios", disse o pataxó Zeca. No início da noite, porém, a portaria foi novamente liberada.

O último ato do encontro, que reuniu quase 3 mil representantes de 140 povos indígenas do País, foi a leitura do manifesto que eles terminaram de redigir ontem à tarde. O documento enumera 20 exigências e propostas para o Estado brasileiro. A primeira é: "Cumprimento dos direitos dos povos indígenas garantidos na Constituição Federal." Na sequência, eles detalham esses direitos, entre eles a demarcação e regularização de todas as terras indígenas até o fim do ano.

Evento relembra expedições feitas pelo Rio Tietê

Espectáculo com 500 atores revive viagem do explorador Teotônio José Juzarte

JOSÉ MARIA TOMAZELA

PORTO FELIZ - Duzentos anos após o Descobrimento, vencidos os obstáculos da Serra do Mar e alcançado o Planalto de Piratininga, portugueses e brasileiros empenharam-se na abertura de rotas terrestres e fluviais para "descobrir" o interior do Brasil. As monções, como se chamavam essas expedições, iniciadas no Rio Tietê, foram decisivas para a consolidação do território brasileiro. Uma das mais famosas, a do sargento-mor Teotônio José Juzarte, será revivida hoje, em Porto Feliz, a 120 quilômetros de São Paulo, como parte das comemorações dos 500 anos.

Cerca de 500 atores e figurantes, vestindo trajes da época, vão lembrar a chegada dos barcos pelo Rio Tietê no Porto de Araritaguaba, nome antigo de Porto Feliz. O evento original ocorreu em 1769, como Juzarte registrou em seu diário de navegação. A encenação, dirigida por Emílio Fontana Filho, começa às 15 horas, com a chegada das canoas ao Parque das Monções.

A expedição de Juzarte foi uma das últimas grandes monções que tiveram Porto Feliz como ponto de partida e de retorno. Há registros de dezenas dessas expedições entre os séculos 17 e 18, quando foram descobertas as minas de ouro de Cuiabá. As viagens duravam até seis meses e percorriam até 3.500 quilômetros por rios e trechos em terra. Entre as principais expedições, a do governador da capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, reuniu 3 mil pessoas.

Porto Feliz reuniu documentos dessas navegações no Arquivo Histórico Municipal, inaugurado esta semana. O diário de navegação de Juzarte, transformado em livro e editado pela Universidade de São Paulo (USP), foi lançado ontem.